

Signos Artísticos em Movimento,
organização de Ana Maria Haddad Baptista, Rosemary Roggero e
Ubiratan D'Ambrosio

276 pp. São Paulo: BT Acadêmica. 2017

Aguinaldo Pettinati

Doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Nove de Julho.
Mestre em Comunicação. Professor de Graduação em Comunicação
da Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP – Brasil
apetinati@yahoo.com.br

No cenário acadêmico brasileiro da atualidade, que classifica, pontua, calcula, impõe metragens e ordena pesquisa e pesquisadores em busca de uma suposta qualidade vista na frieza positiva dos números, o livro *Signos Artísticos em Movimento* (276 pp. São Paulo: BT Acadêmica. 2017) propõe uma quebra dogmática, na qual o texto científico precisaria seguir um modelo predeterminado de linguagem. Com esse espírito inovador e até libertário, sem perder o compromisso exigido pela ciência, os organizadores, que são também autores, Ana Maria Haddad Baptista; Rosemary Roggero e Ubiratan D'Ambrosio trazem uma coleção de ensaios para tratar dos signos – representantes do ser e do mundo – em diversas espécies de artes, mantendo a criticidade criativa e investigativa e, assumindo esta categoria literária, abrindo-se para a interpretação das questões sensíveis e imateriais do ser, sem, no entanto, abdicar do poder primordial de sedução. No prefácio, justifica-se o apelo para a fuga da mesmice com o auxílio das alternativas ensaístas, dinâmicas, que mais interpretam do que apenas registram.

Os assuntos sígnicos, envolvendo tempo, espaço e memória, muitas vezes densos, se esfrelam em entendimentos simples, mas bem elaborados pelos ensaístas. A cada peça textual, um desenho de abertura como pré-inteligência do que se desvela a seguir. Todas as ilustrações foram construídas pela artista plástica Rose Marie Silva Haddad, que leu composição por composição para ressignificar seus desenhos. A obra, em seu todo, versa sobre as artes, tornando-se, em si mesma, o próprio signo e, ao mesmo tempo, signos multifacetados, dando voz aos diversos autores.

A série de 14 ensaios se inicia com o poeta e romancista Marco Lucchesi, membro da Academia Brasileira de Letras, apresentando o ensaio “A poesia e a matemática não são inimigas”. A própria estrutura textual, em tópicos numéricos, já indica as relações entre as duas formas de expressão. A matemática, segundo o tradutor de mais de uma dezena de línguas, é um dos dialetos da linguagem, permeado por metáforas, assim como a poesia. Não se discute unicamente a métrica poética, mas a própria “poética da matemática”.

Para entender melhor Lucchesi, o leitor pode ir direito ao último ensaio “A invenção da palavra em “rudimentos da língua laputar”: línguas, textos e vozes flutuantes em movimento”, de Nádia C. Lauriti. A professora desvenda um pouco do gênio de Lucchesi e seu estilo, analisando o livro dele “Bazati dir Harstä – Rudimentos da Língua Laputar: Proposta patafísica (2015)”, no qual é criado um sistema linguístico, exercitando a liberdade e a mobilidade da linguagem.

No artigo “A arte é feita de signos”, Lucia Santaella se debruça sobre as produções artísticas que produzem múltiplos significados na cena pós-moderna ao invés de congelarem apenas uma unidade. A professora na eterna incerteza e discussão sobre o que é arte, apresenta uma breve e ilustrativa definição sobre signos semióticos de Peirce, com o intuito de avaliar as diversificadas propostas e espécies artísticas para desenvolver sentimentos vivos a quem frui as obras. Nesse percurso, faz considerações sobre a estranheza das cenas de abertura do filme “Animais Noturnos” (Tom Ford, 2016), que fogem do trivialmente considerado belo pelo cidadão médio. Evitando julgamentos pré-concebidos sobre a arte, Santaella segue se aprofundando em artistas que se desviaram dos princípios clássicos como os pintores Bosch, Bruegel e Goya, passando também pela instalação de Carla Filipe (Migração), na 32ª Bienal de São Paulo, em 2016.

Partindo deste viés artístico e da fuga do senso comum, é possível saltar para Márcia Fusaro, com o texto “O movimento que loco-motiva Van Gogh e flerta com Duchamp no sonho de Kurosawa”. A docente do Programa de Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) da Uninove aponta para a convergência entre os artistas citados no título, traçando, em certa medida, a evolução do uso e captação da imagem no tempo, desde o retrato, passando pela fotografia até o cinema e suas possibilidades tecnológicas dentro do espaço-tempo. Tanto é que os pintores mencionados buscam a imagem em movimento em suas telas, fugindo do convencional. Há similitudes que permeiam o campo da literatura e envolvem

também uma junção entre Oriente e Ocidente, misturando o paisagismo de Van Gogh com a poesia em movimento de Kurosawa e a arte-pensamento de Duchamp.

Aproveitando a discussão de estranhezas na arte, “ExCRIPtura-ACÓSMica-LaHarsIsTA!”, de Luis Serguilha, poeta, traz um excesso enciclopédico de palavras, muitas vezes inexistentes e parágrafos imensos para desenvolver o conceito de excriptar, uma espécie de desorientação, sem pertencer a qualquer espécie de língua.

Quando se discute arte e os signos artísticos surge também a questão do individualismo exacerbado, aprofundado pelo domínio neoliberal do século XX. Sobre esta questão, Ana Maria Haddad Baptista adentra na literatura de Graciliano Ramos (livros “São Bernardo”, “Angústia” e “Memórias do Cárcere”) para fazer uma crítica ácida contra a potencialização do narcisismo materializado nas dezenas de memórias e biografias lançadas nos últimos tempos. Recheado de exemplos literais, como Fernando Pessoa, o ensaio “Graciliano Ramos em movimento ou uma lição para Narciso e seus seguidores” aponta uma visão dura e também teórica sobre os rumos da literatura. Os postulados de Deleuze sobre tempo-memória vão ao encontro da literatura de Graciliano Ramos, sendo o passado uma representação do agora, fundamentais para a construção de signos poéticos imateriais, que darão corpo à literatura. A verdade pode se esconder ou se revelar no ponto de vista de quem conta uma história, mesmo que sobre si mesmo.

É possível aproximar as ideias de Ana Haddad ao ensaio “Afim, o que pode ainda literatura?” Diana Navas. Mais do que apenas ensinar literatura, necessário se faz usá-la de forma crítica para ampliar visões, sem esquecer o prazer que este tipo de fruição oferece.

Se o assunto passa pela educação crítica e libertadora, Olgária Matos, doutora pela École des Hautes, Paris, e professora titular dos departamentos de filosofia da USP e da Unifesp, aparece com o ensaio “Universidade contemporânea: da autonomia aos processos sem sujeito”, que contesta o atual cenário universitário preso aos controles quantitativos e administrativos. Perde, assim, a instituição de ensino, em seu objetivo de humanizar e formar cidadãos libertos, seu principal caráter: não se sujeitar aos poderes econômicos, políticos ou ideológicos.

O “eu” e a inteligência artificial entra em cena com “Corporeidade e identidade: um estudo hermenêutico de Frankenstein ou o moderno Prometeu de Mary Shelley”, do filósofo e doutor pela Universidade de Sevilha, Manuel Tavares. A ciência surge na literatura de Mary Shelley, sem falar no contexto feminista da

autora. A relação entre o terror e a ciência introduz na literatura a discussão sobre a vida artificial, permeada pelo monstro interno, que não aceita sua existência, mas que cada um tem dentro de si e precisa ser reafirmado por meio da ficção.

A linguagem poética e representativa é explorada em dois ensaios. Em “A historicidade cambiante das práticas musicais”, a doutora Sonia Regina Albano de Lima, pesquisadora da Unesp, indica que a música perde em historicidade em relação a outras artes por apresentar uma imperfeita notação antiga. A autora se aprofunda nas composições *Folia de Espanha e, Ode aos Ratos*, de Edu Lobo e Chico Buarque de Hollanda em *O Fidalgo e a Camponesa* (com caráter pastoral e bucólico) em busca de elementos estéticos, movimentos e uma leitura de mundo capaz da transformação do presente. Já a crítica literária Maria Estela Guedes se atém aos sinais místicos da poetisa portuguesa Maria Azenha. No ensaio intitulado “Maria Azenha em trânsito de signos” há a junção entre musicalidade e poesia. Por exemplo, Maria Azenha tem como pano de fundo a guitarra portuguesa enquanto declama suas poesias no CD *O mar atinge-nos*.

Rosemary Roggero, doutora em Educação pela PUC-SP, relembra seus passeios na cidade, os cheiros, as emoções e os sinais de dentro e fora das casas para escrever sobre os espaços compartilhados atuais, “seguidores” da reprodutibilidade técnica propagada por Walter Benjamin, espalhando aço e concreto em prol do ideal de consumo capitalista. O ensaio “Subjetividade na percepção dos signos na cidade e os impactos do pensamento único sobre o indivíduo metropolitano” demonstra como o espaço de compartilhamento deu lugar a áreas de *selfies*, avançando na *gentrificação*, quando as pessoas são simplesmente “eliminadas” de certas regiões em nome de uma suposta revitalização urbana.

Maurício Silva, pós-doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela USP, trata da Art Nouveau e, inclusive, flerta com a influência desse movimento na arquitetura brasileira. Porém, o ensaio “Esplendor ornamental: a estética Art Nouveau nos livros e revistas pré-modernistas brasileiros” estuda esta corrente artística dando uma visão panorâmica em relação a ilustrações e produções editoriais do período de 1880 a 1920, impregnadas com a chamada “ornamentação” e a natureza estilizada pelo homem.

Por fim (não no ordenamento sequencial dos ensaios), o professor emérito de matemática da UNICAMP, Ubiratan D’Ambrosio pode resumir esta jornada com a pergunta-título: “Signos artísticos em movimento?” O autor foca sobre o que são signos e símbolos e suas relações corpo-mente apoiando-se nas tradições de grupos.

O matemático vai além, liga a temática à neurociência cognitiva que, apesar da complexidade, dá os primeiros passos para sua estruturação e ainda realiza uma proposta educacional, abordando as novas tecnologias dos pontos de vistas do empreendedor e do consumidor, sempre com cunho sustentável. Entre artefatos e mentefatos – memórias e significações produzidas pelo indivíduo –, o ser luta por duas pulsões básicas, segundo D'Ambrosio: sobrevivência e transcendência. Nesta busca eterna, os signos artísticos em movimento ganham o mesmo valor que o próprio oxigênio.